

BREXIT: IR OU FICAR?

A saída do Reino Unido da União Europeia apanhou a Europa de surpresa e trouxe consigo muitas incertezas. Como receberam os médicos dentistas portugueses a notícia, em terras de sua majestade, e o que pode mudar para os que ponderam partir?

A medicina dentária em Portugal chegou a um ponto de saturação, o que já não é um dado novo para os médicos dentistas portugueses. Segundo os “Números da Ordem 2016”, um relatório elaborado pela Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) e dado a conhecer em julho deste ano, só em 2015 registou-se um aumento de 4,6% no número de profissionais inscritos na OMD, para 8.933 médicos dentistas. Portugal ultrapassa, assim, em muito as recomendações da Organização Mundial de Saúde, de um médico dentista por cada 2 mil habitantes. Segundo as estimativas da OMD, em 2018 haverá um médico dentista por mil habitantes, em Portugal.

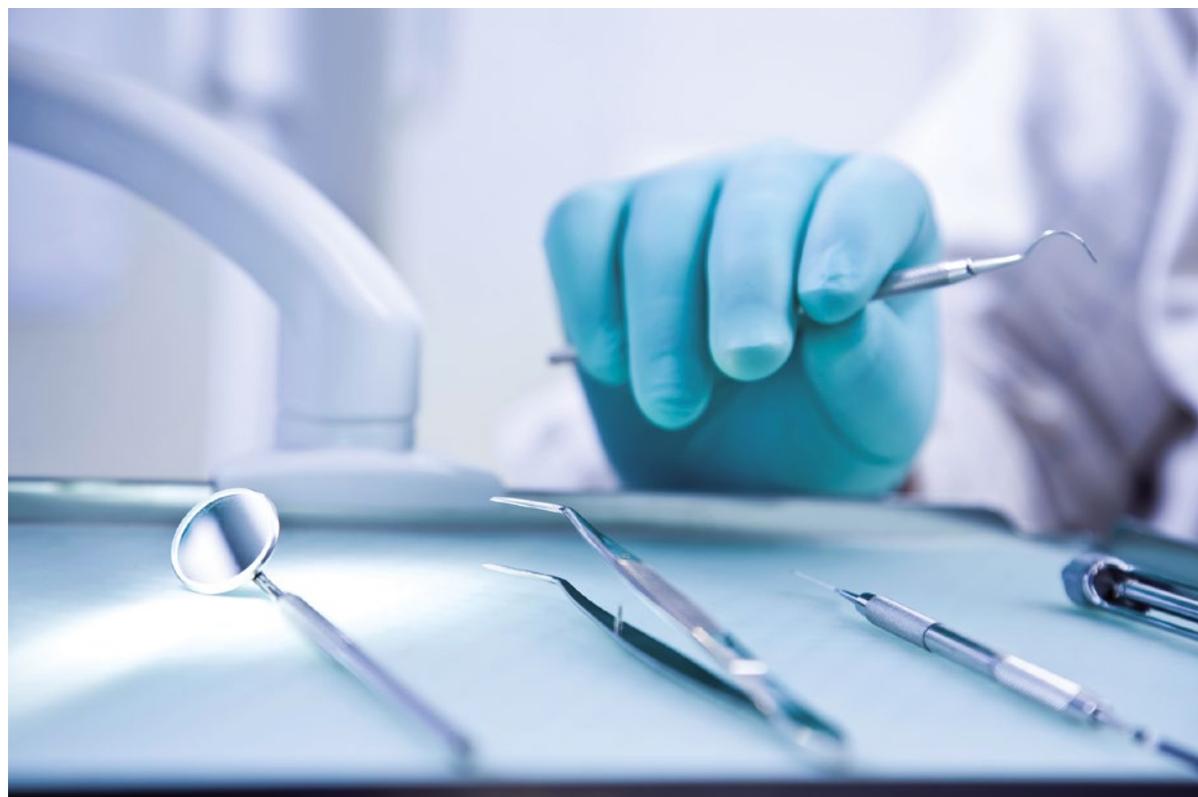
A principal consequência é o subemprego e a precariedade, sobretudo entre os médicos dentistas mais jovens, que encontram na emigração uma alternativa. Os dados revelam um aumento do número de membros inativos na Ordem – são agora 10,9% dos médicos dentistas inscritos, com a OMD a indicar que a maioria destes optam por emigrar.



Dra. Mariana Barcelos Vaz, coordenadora do Conselho de Jovens Médicos Dentistas da OMD.

O Reino Unido é o principal destino dos médicos dentistas portugueses que se encontram com atividade suspensa e a trabalhar no estrangeiro (53%), principalmente entre os recém-licenciados. A Dra. Mariana Barcelos Vaz, coordenadora do Conselho de Jovens Médicos Dentistas da OMD, sublinha a *O JornalDentistry* que “pouco se sabe acerca do processo de negociações e sobre as repercussões reais que os cidadãos residentes no Reino Unido sentirão”. A médica dentista adverte ainda que “é precoce fazer uma previsão sobre em que medida a livre circulação de pessoas, reconhecimento de graus e integração de imigrantes serão afetados”. Espera que o Brexit não se transforme “num retrocesso e que a partilha de conhecimento, experiências e oportunidades continue a ser possível”.

Embora ainda se desconheçam os efeitos do Brexit nos próximos tempos, a verdade é que o resultado do referendo levantou uma onda de choque por toda a Europa.



O Reino Unido é o principal destino dos médicos dentistas portugueses que decidem emigrar

Um voto anti-imigração

Os médicos dentistas portugueses que residem no Reino Unido receberam a notícia com desalento. O Dr. Raúl Costa, em Inglaterra há oito anos, viveu-a também com incredulidade. “Não pensei que os britânicos tivessem coragem de fazer algo com o potencial de transformar as suas vidas de forma radical. E sabendo, por conversas com alguns ingleses, nomeadamente pacientes meus, que a principal razão para o Brexit foi o sentimento anti-imigração, naturalmente senti desconforto”.

O médico dentista, que exerce prática privada em Londres, revela que esse mesmo desconforto foi partilhado

pelos londrinos. “O que mais testemunhei foram britânicos envergonhados, como que a pedir-me desculpa”. No local de trabalho, nada mudou: “Na realidade onde estou integrado, parece-me que após o choque inicial tudo se move hoje como se nada tivesse acontecido”.



Dra. Tânia Gomes, médica dentista com residência e prática clínica em Londres.

A Dra. Tânia Gomes está no Reino Unido desde 2010. Inicialmente em Edimburgo, na Escócia, e desde 2012 na capital inglesa. Não ficou surpreendida com a decisão dos britânicos, mas refere que, particularmente em Londres, onde exerce prática mista, numa clínica que tem contrato com o

National Health Service (NHS), assistiu a “alguma revolta por parte dos que votaram para permanecer”. No entanto, entende que ainda é demasiado cedo para a inquietação: “Temos colegas da UE e de fora da UE e até agora ninguém está a fazer nada de diferente. Entendemos que não há necessidade de preocupação até se perceber o que o Brexit pode ou não afetar”.

Muitas incertezas

Atualmente, cerca 25% dos médicos dentistas integrados no NHS não são britânicos. O sistema público de saúde britânico não tem, de momento, falta de médicos dentistas, segundo o Dr. Raúl Costa, e está bastante suportado por profissionais estrangeiros. O médico dentista português tem uma visão pouco otimista sobre o futuro deste sistema, o equivalente ao nosso Sistema Nacional de Saúde (SNS). Adianta ainda que, “infelizmente, algumas consequências danosas serão sentidas no NHS geral, uma vez que milhares de médicos, enfermeiros e auxiliares terão potencialmente a sua entrada limitada”.

O acesso ao NHS sempre foi bastante burocrático. No entanto, frisa, “nunca foi vedado a estrangeiros de fora da UE”. A Dra. Tânia Gomes reconhece que o processo de admissão ao NHS tem vindo a tornar-se progressivamente mais difícil desde que chegou a Inglaterra, em 2012. “O meu processo demorou cerca de dois meses. Na Escócia, em 2010, fora ainda mais rápido. Mas tenho colegas que iniciaram o processo o ano passado e para os quais demorou cerca de oito meses. Conheço até quem tenha tido o acesso recusado”.

Só novas licenças deverão ser afetadas

A Dra. Tânia Gomes considera que essa dificuldade crescente não terá influência sobre os médicos dentistas que já obtiveram as suas licenças para exercer prática clínica no Reino Unido. A médica dentista está também inscrita no General Dental Council (GDC), o equivalente à Ordem dos Médicos Dentistas, e não antevê problemas do ponto de vista das equivalências. Reconhece, contudo, que o futuro dos colegas de profissão que queiram igualmente emigrar para o Reino Unido poderá ser mais desafiante. “Acredito que, daqui para a frente, possa realmente afetar quem pretenda vir para cá”, aponta. Contudo, faz questão de salientar que os prognósticos são, neste momento, pouco prudentes, dado que “ainda não sabemos de que forma será negociado o Brexit, nem que acordos vão existir”.

Luís Teixeira, *managing director* da Synchronised Solution, empresa britânica de recrutamento de profissionais de medicina, onde se incluem médicos dentistas, indicou-nos que esta medida “irá seguramente afetar mais os novos candidatos do que aqueles que já se encontram a trabalhar no Reino Unido”.

Portugal no horizonte

Para os profissionais que já estão integrados no mercado trabalho, não deverá haver alterações. Opinião partilhada pelo Dr. Raúl Costa, que não considera a hipótese de, ao fim de oito anos de prática clínica, “surgirem dúvidas sobre a sua competência ou legitimidade”.



Dr. Raúl Costa, médico dentista com residência e prática clínica em Londres.

Para ambos os médicos dentistas portugueses, o Brexit em nada altera, para já, os planos profissionais e pessoais que haviam estabelecido a curto/médio prazo. “Estou convicto que o acordo a alcançar com a UE em pouco ou nada irá mudar o cenário atual, isto é, no sentido de haver acesso à livre circulação de colaboradores”. Ponderar a nacionalização não é, por isso, uma hipótese. “Não imagino um cenário em que eu veja a minha residência aqui posta em causa”.

A Dra. Tânia Gomes tem dupla nacionalidade, portuguesa e britânica, e o regresso a Portugal é um objetivo. “Pretendo regressar um dia. Não muito longínquo, espero eu”.

Recrutamento em queda

Independentemente do Brexit, certo é que a atividade de recrutamento de médicos dentistas para a região está já em queda desde há dois a três anos. “A principal razão é o aumento do requisito do número de anos de experiência pós-universitária, sendo que em alguns locais é obrigatório ter experiência prévia de trabalho como médico dentista no Reino Unido. O Brexit também levou a que vários candidatos repensassem a ida para o Reino Unido”, disse-nos Luís Teixeira.



O acesso ao National Health Service tem vindo a tornar-se progressivamente mais difícil. Os requisitos para trabalhar no sistema privado, no Reino Unido, são inferiores aos do público

Realça, no entanto, que “continua a existir bastante interesse no Reino Unido pelas boas condições laborais oferecidas”. Ainda assim, as consequências mais imediatas do Brexit, como a desvalorização da libra, a juntar ao aumento dos requisitos de experiência, fazem com que “haja um número cada vez mais reduzido de médicos dentistas portugueses, e também oriundos de outros países europeus, a trabalhar pela primeira vez no serviço público do Reino Unido”. O responsável salienta, porém, que “os requisitos para trabalhar no sistema privado são inferiores aos do sistema público”.



Luís Teixeira, *managing director* da Synchronised Solution.

A Synchronised Solution está, sim, a recrutar médicos dentistas que já estejam a trabalhar no Reino Unido. Aqui o grande culpado não é o Brexit. “A razão principal deve-se ao aumento dos requisitos para trabalhar no setor público, através do aumento do resultado mínimo necessário no exame de inglês (IELTS) e da exigência de experiência prévia de trabalho no Reino Unido (Performer Number)”, explica.

Emirados Árabes Unidos são alternativa

A língua é uma das razões pelas quais os médicos dentistas tendem a optar pelo Reino Unido. Do mesmo modo, surge como o principal entrave à opção por outros mercados com necessidade de médicos dentistas, como é o caso da Holanda, Alemanha e França, “uma vez que existem menos médicos dentistas fluentes em idiomas que não sejam o inglês”, reforça Luís Teixeira. No entanto, o responsável de recrutamento aponta que “outra possibilidade para médicos dentistas com vários anos de experiência e com um bom nível de inglês serão os Emirados Árabes Unidos”. ■

Sara Moutinho Lopes e Vânia Penedo